

A hora dos especuladores

6 Cien. Brasil

A atividade especulativa vive de pretextos. Não se trata aqui de simplesmente condenar a especulação — que implica também risco — mas de advertir os investidores que não dispõem nem de fôlego nem de conhecimentos de que lhes convém apegar-se estreitamente à prudência nesta fase totalmente anômala da vida financeira do País.

Os mercados de risco fazem parte da vida de um regime capitalista. É evidente que sem a possibilidade de lograr grandes lucros (e também, eventualmente, sofrer sérias perdas), o mercado de ações, coadjuvado por todas as invenções que lhe foram implantadas nos últimos anos para movimentá-lo, não apresentaria os atrativos de hoje e não estaria contribuindo para canalizar recursos a serviço da produção. São os especuladores que permitem a existência de grande número de investidores — pequenos ou médios — que não alimentam a mesma ambição de assegurar-se um dinheiro fácil. Existe, porém, uma especulação, que poderíamos chamar de racional, convivendo com outra que apenas procura vítimas desavisadas. Quando a especulação não dispõe de apoio ra-

cional, cumpre que o investidor redobre de cautela.

Impõe-se saber que nos mercados de risco — seja o de ações, seja o cambial paralelo — os especuladores estão sempre à cata de um acontecimento que lhes ofereça possibilidades de vultosos ganhos. Para que se possa participar dessa verdadeira loteria, é melhor deixar que os especuladores se negaceiem mutuamente, ainda que, geralmente, estejam sempre no encalço dos ingênuos dispostos a deixar-se seduzir. Mas, afinal, o que pode ser um risco racional? Na Bolsa, pode-se pensar na perspectiva, por exemplo, da descoberta de um poço de petróleo ou na conclusão de um grande contrato de exportação, tudo, todavia, sem a garantia de certezas. Já no caso do câmbio, pode-se incluir na categoria de risco racional a possibilidade de uma desvalorização, um déficit na balança comercial dos Estados Unidos ou algo parecido.

Hoje, assiste o Brasil a uma especulação que podemos considerar irracional no que tange à disputa presidencial a travar-se no segundo turno. Trata-se de mero pretexto de que se servem os especuladores para movimentar os

mercados visando a embolsar, à custa de inocentes, grandes lucros. A luta, nestes dias, para a conquista do segundo lugar, já está alimentando as operações. Verifica-se na Bolsa queda que poderá ser uma constante até o fim da presente apuração e até o pleito definitivo de 17 de dezembro, uma vez que antes disso será difícil prever, com certeza, a quem caberá a vitória final. Pode-se imaginar que, uma vez definidos os vencedores do primeiro turno, a especulação se apoiará no jogo das alianças, na *performance* dos candidatos na televisão, no anúncio eventual de nomes de ministérios etc...

No caso do câmbio, todos esses fatores servirão para alimentar a especulação, logo secundada por outros. Qual será, por exemplo, a reação do mercado financeiro em relação aos títulos do governo? Qual a evolução da expansão monetária? E a quanto montará a taxa de juro oferecida pelo Banco Central? Elementos racionais e irracionais deverão assim misturar-se, funcionando a plena carga a central dos boatos.

Cumpre esclarecer que, hoje, o ágio do *black* em relação à taxa oficial de câmbio é em parte arti-

ficial, sabendo-se que o governo, para manter a inflação sob relativo controle, está adiando uma desvalorização que todos reconhecem, a prazo médio, necessária.

Em todos os mercados pode-se assistir a grandes flutuações, nem sempre na mesma direção. Pelo que se impõe, cabe aos pequenos investidores atuar com prudência nesses cenários, porquanto, seguramente, sairão perdendo. Os únicos que poderão salvar-se serão os grandes investidores, por dispor de grandes recursos e de não menor agilidade (o que exige presença contínua no mercado). O que se deve levar em conta é que o País não poderá permanecer por muito tempo na incerteza, e que, qualquer que seja o vencedor, não poderá escapar da necessidade de adotar medidas profundas e céleres, logo após a posse, visando a afastar a ameaça de hiperinflação.

É este, portanto, o momento dos especuladores, o que exige, dos que não entram nesse jogo, cabeça fria e especialmente a percepção de que o mercado tem de passar por uma fase de irracionalidade, o que o privará de suas verdadeiras características.

17 NOV 1964